



neps

Boletim Informativo

Núcleo de Estudos de População e Sociedade ♦ Instituto de Ciências Sociais ♦ U.M. ♦ Guimarães ♦ nº 17 ♦ Janeiro de 2001

S
U
M
Á
R
I
O

EDITORIAL

*O património:
entre as pedras e os homens*

♦ António Amaro das Neves

FALANDO DE
DEMOGRAFIA HISTÓRICA...

♦ Maria Norberta Amorim

INVESTIGADOR APRESENTA-SE:

Luís Polanah

♦ Elisabete Pinto

APONTAMENTOS
DE INVESTIGAÇÃO:
A identidade tribal

♦ Luís Polanah

NOTÍCIAS

• Programa provisório do
VI Congresso da ADEH
Castelo Branco
18 a 20 de Abril de 2001

• Novo livro
de Maria Luíza Marcílio
*"Crescimento demográfico e
evolução agrária paulista -
1700/1836"*

EDITORIAL

António Amaro das Neves

O património: entre as pedras e os homens

Nos tempos que correm, estão cada vez mais presentes as preocupações com a preservação da memória, enquanto elemento de sustentação da identidade simbólica de uma comunidade. A diferentes níveis, traçam-se caminhos e desenvolvem-se projectos que têm como objectivo a conservação do património arquitectónico, natural e ambiental. É nesta via que tem seguido o esforço de reabilitação de centros históricos, no qual a experiência de Guimarães tem vindo a assumir a condição de paradigma.

É bem visível o investimento de recursos significativos num esforço coerente e sustentado de recuperação do velho burgo vimeirense, no desenvolvimento de um processo que, em larga medida, corresponde à construção de património novo, de qualidade, moldado em soluções integradoras das marcas arquitectónicas e urbanísticas que o passado nos legou. Trata-se de uma experiência com virtualidades inovadoras, que tem sabido afastar qualquer vocação museológica, que enca-



minharia o património edificado para uma redoma estanque, expulsando os moradores de sempre como corpos estranhos e indesejáveis, tendência que caracterizou inúmeras recuperações de centros históricos.

Neste processo de requalificação urbana, vão ficando demonstradas as virtudes da conciliação do património

O património: entre as pedras e os homens

construído pelos nossos antepassados com a construção de património contemporâneo e a revitalização de uma cidade marcada pelas cicatrizes dos séculos. A intervenção actual resulta de um esforço que visa dar coerência aos legados das gerações que, ao longo dos tempos, foram deixando nas cidades os traços das suas vivências.

As casas cujas fachadas ainda cheiram à tinta fresca com que as restauraram, foram outrora habitadas por outras gentes. As ruas e as praças enchiam-se do bulício do quotidiano dos que as atravessavam, carregando a vida às costas. Pelos caminhos que hoje percorreram, circularam as alegrias e as tristezas dos que viam nascer os filhos e choravam a morte dos pais.

Recuperada a cidade, agora que vai sendo ultrapassado o ciclo da pedra, é tempo de alargar o conceito de património à memória das gentes. Urge ultrapassar a perspectiva redutora que limita as preocupações com o património à herança material do passado. Importa passar dos edifícios para as pessoas, integrando na cidade renovada a lembrança dos que a habitaram ao longo dos séculos. Todas aquelas casas, praças, ruas e vielas foram povoa-

das por gerações de homens e mulheres que se foram sucedendo umas às outras ao longo dos tempos. Dessa gente, não sobraram somente as memórias gravadas nos monumentos de granito. Nos nossos arquivos, traçadas por entre maços de papel e pergaminho, permanecem os testemunhos das suas vidas. Essa memória, situada no território onde se movem os historiadores, é elemento inseparável da nossa herança colectiva.

O património não se reduz a cantaria e alvenaria. Nele também cabem as biografias dos canteiros e dos pedreiros que ergueram os monumentos talhados em pedra. E os homens que habitaram aquelas casas, oraram naqueles templos, frequentaram aquelas praças. Se é importante a preservação do património construído, é imprescindível a reconstituição das memórias dos nossos antepassados.

Num tempo marcado pela tendência globalizadora, por uma marcha aparentemente imparável no sentido da uniformização cultural, é cada vez mais urgente a identificação com a pertença a uma comunidade, com a sua história e as suas tradições, onde busca das suas raízes. Neste contexto, é urgente o regresso aos arqui-

vos.

Aquilo que melhor distingue Guimarães de tantas outras terras não será tanto o conjunto das suas ruas, a harmonia das suas calçadas ou a monumentalidade das suas fachadas. A sua principal originalidade, aquela que leva esta cidade a ocupar um lugar de destaque no contexto das povoações portuguesas, é a sua matriz histórica. Nenhuma outra terra tem como esta uma identidade tão estreitamente ligada à História. Por isso mesmo, Guimarães apresenta condições ímpares para a implantação de um núcleo dinamizador da investigação que a poderá transformar numa espécie de capital da História.

Existem hoje recursos que, partindo da investigação em demografia histórica, podem permitir a concretização de projectos de investigação histórica de espectro alargado, com contribuições de especialistas de diferentes áreas do saber, abrangendo a sociedade, a economia, a saúde, a cultura, a religiosidade, a vida quotidiana, as atitudes perante a vida e a morte. Para que um tal designio se possa cumprir, será necessária a confluência de vontades em projectos comuns. E, quando for chegada a hora, o NEPS saberá estar presente. •



Quando concluímos a *reconstituição de uma paróquia* em período trisseccular e partimos para a redacção de uma monografia temos a consciência de que o trabalho verdadeiramente importante já foi feito. A identificação em cadeia de cada residente pelas suas relações familiares e o acompanhamento do seu percurso de residência dentro da paróquia ou na zona já estudada é um trabalho sistemático que pode basear múltiplas abordagens científicas e abre ao gosto actual pela genealogia. Na redacção de um texto teremos sempre de fazer opções reducionistas, naturalmente discutíveis e sujeitas a revisões sucessivas, opções que derivam da nossa preparação científica e do nosso próprio perfil, mas que obedecem também necessariamente à moda do tempo em que vivemos.

De facto, concluindo a *reconstituição da freguesia* das Ribeiras do Pico de finais do século XVII a 2000, tenho plena consciência de que todos os textos que eu possa a respeito elaborar serão apenas fotografias esmaecidas, mais ou menos sequenciais, extraídas de um belo filme que fica a aguardar em permanência que lhe reavivem a cor e fixem mais adequadas sequências.

No estudo dos últimos trezentos anos de vida de uma comunidade, apoiado numa base de dados com a identificação em cadeia genealógica dos seus residentes, o avivar de perspectivas resultará do cruzamento dessa base de dados com outras fontes escritas, as mais diversas, e com fontes orais ainda naturalmente disponíveis. À enorme diversidade das fontes escritas nominativas para o período moderno e principalmente contemporâneo, juntam-se as memórias e vivências dos residentes expressas de mil maneiras pela palavra e pelo gesto.

Muitas fontes nominativas, habitualmente exploradas para os períodos moderno e contemporâneo, não têm uma distribuição ge-



ográfica uniforme, perdidas pelas vicissitudes históricas em alguns casos, em outros casos porque foram específicas de certas regiões. Os historiadores demógrafos, com maior ou menor felicidade, ao avançar para estudos de comunidade vão incorporando nas suas monografias os mais conhecidos tipos de fontes que encontraram disponíveis. Outros tipos de fontes, menos explorados ou menos conhecidos, poderão, no entanto, contribuir grandemente para enriquecer o conhecimento sobre esse passado relativamente próximo.

Em relação às Ribeiras do Pico exploro um tipo de fonte (a que não tive acesso anteriormente) com dados sistemáticos de ordem económico-social, para uma data definida, dados esses que, muito para além da exploração directa, em si de grande interesse, podem permitir, em cruzamento de fontes, uma maior compreensão das dinâmicas que presidiram à apropriação do espaço útil da freguesia na data em causa. Trata-se de um *Mappa organizado na conformidade do artigo 108.º do regulamento de 25 de agosto de 1881, contendo, por ordem alfabética, os no-*

mes e moradas dos contribuintes inscriptos na matriz predial d'esta freguesia (Ribeiras, Concelho das Lagens do Pico, Districto da Horta), e o rendimento collectavel dos predios que cada um n'ella possui, mapa datado de 13 de Fevereiro de 1885 e assinado pelo escrivão da Fazenda António de Simas Machado e Mello.

Nesse mapa, dos 812 proprietários, referidos a 8.353 artigos inscritos na matriz predial a dizer respeito à freguesia, correspondendo no total a 4.772\$678 réis de rendimento colectável, notamos em primeiro lugar que 167 (20,6%) não eram residentes, sendo 116 (14,3%) de outras freguesias da mesma ilha, particularmente das mais próximas e 51 (6,3%) residentes fora da ilha.

Encontramos 45 indivíduos com propriedades nas Ribeiras e residência na paróquia contígua da Calheta de Nesquim, que lhe fica a oriente, e 53 a residir na paróquia contígua da Santíssima Trindade das Lajes, que lhe fica a ocidente (a norte a freguesia das Ribeiras confina com a serra e a sul com o mar), mais 8 proprietários a residir na freguesia da Piedade, contígua à Calheta, dois na freguesia de S. João, contígua às Lajes (todas do mesmo concelho das Lajes) e ainda um em Santo Amaro e 6 na Prainha do Norte, duas freguesias das cinco que compunham o concelho de S. Roque, havendo um único proprietário residente na Madalena, freguesia sede do outro concelho da ilha que contava no total seis freguesias.

O mercado matrimonial das gentes das Ribeiras, os sistemas de herança e ainda a possibilidade de administração directa das propriedades podem justificar a maior ou menor frequência de proprietários residentes em outras freguesias do Pico, mas é principalmente a mobilidade de média e longa distância dos naturais das Ribeiras que justificará a existência dos outros 51 proprietários a residir fora da

ilha.

Sem excluir o fenómeno de atracção urbana, uma justificação de residência de 14 indivíduos na ilha do Faial detendo propriedades nas Ribeiras, de cinco na ilha Terceira e três em S. Jorge pode de facto relacionar-se com o mercado matrimonial aberto pelos contactos habituais dos homens das Ribeiras com essas outras ilhas açorianas, contactos decorrentes das actividades de pesca e trocas comerciais, particularmente no caso do Faial onde se vendia peixe salgado e de onde vinha grande parte do milho necessário ao sustento da freguesia.

Indicadores de mobilidade de longa distância são os 16 indivíduos com propriedades nas Ribeiras e residência no Brasil, os 8 na América do Norte, os dois em África, um no Uruguai (Montevidéu) e um no Chile (Valparaíso).

Retendo a atenção nos residentes nas Ribeiras possuidores de artigos inscritos na matriz predial analisada, verificamos que deveriam ser muito poucos os chefes de família totalmente desprovidos de propriedade. Num total de 634 fogos (total referido ao ano de 1884 num mapa manuscrito do Arquivo do Governo Civil da Horta) haveria 645 proprietários, número este que excede o de fogos e que decorre da coabitação de irmãos de um ou outro sexo detendo cada um propriedades em seu nome (só são referidas mulheres quando solteiras ou viúvas).

Essa propriedade deveria limitar-se em muitos casos a uma casa ou parte dela, alguma pequena horta, uma ou outra terra de lenha, a avaliar pelos valores da matriz. De facto, subtraído o rendimento colectável dos prédios cujos proprietários viviam no exterior, no valor de 408\$786 réis, os restantes 4.363\$892 réis não conheciam concentração de grande significado. Acima de 30\$000 réis de rendimento colectável encontramos onze proprietários residentes, que

não detinham mais de 10,7% do rendimento total.

Eram da ordem dos 53% os residentes com rendimento colectável inferior a 5\$000 réis e de 14% os que tinham menos de 1\$000.

Repare-se que vinte anos antes o esclarecido Governador Civil da Horta, António José Vieira Santa Rita, no seu *Relatório* de 1867, dava para a freguesia um rendimento colectável de 6.551\$050 réis, a que corresponderia um valor de propriedade de 131.021\$000. É de admitir uma reavaliação posterior a condicionar o abaixamento do valor do rendimento colectável e, se admitirmos a mesma base de cálculo, o valor da propriedade teria passado a ser de 95.453\$560 réis.

Embora considerando a relatividade das avaliações numa matriz predial, não deixamos de ficar impressionados com a precariedade de vida da maioria da população das Ribeiras nesse último quartel do século XIX. Correspondendo um rendimento colectável de 1\$000 réis a uma propriedade com o valor de 20\$000 réis e custando o alqueire de milho (14,206 litros) \$500 réis, um litro de vinho \$200 réis e um porco médio 12\$000 réis (valores apontados numa estatística do Governo Civil da Horta referentes a 1884), difícil será perceber como se vivia na freguesia, considerando que seriam poucos os empregadores. Só na complementaridade dos recursos do mar e dos ofícios e cada vez mais na emigração se encontraria sustentáculo para a sobrevivência.

Com recurso à nossa *base de dados paroquial* poderíamos identificar uma percentagem muito significativa dos proprietários residentes (consideremos que no mapa da matriz predial dispomos apenas de nomes, sem outras referências identificadoras, a não ser no caso das mulheres viúvas em que é indicado o nome do marido e no caso das mulheres solteiras em que é indicado o nome do pai) e tentar

uma aproximação aos mecanismos de concentração ou divisão da propriedade. Não tendo aqui lugar esse procedimento, a título de exemplo e numa esquemática simplificação, escolhemos identificar os ascendentes, por linha masculina, do maior proprietário da freguesia e também os ascendentes de um dos mais pequenos proprietários, um e outro referidos no mapa da matriz predial de 1885.

O maior proprietário de bens de raiz em 1885 nas Ribeiras era José Silveira Jorge, morador no Caminho de Baixo de Santa Bárbara, então com 60 anos de idade. Tinha 25 artigos inscritos na matriz predial em seu nome e como rendimento colectável 85\$181 réis, claramente destacado do segundo maior proprietário cujo rendimento era de 57\$296 réis. Casara em 29 de Janeiro de 1844, contando 19 anos, com Maria Luísa, de 23. Haviam tido 11 filhos, um deles falecido na infância e dois ausentes. Todos os outros teriam acesso ao casamento na freguesia. Seguindo a linha masculina identificamos quatro gerações que o precederam (os registos de baptizados da freguesia têm início em Janeiro de 1697; os de óbitos em Julho de 1736; os de casamentos têm início em Novembro de 1681, sofrendo uma lacuna entre Outubro de 1719 e o mesmo mês de 1764):

Ego - José Silveira Jorge
(1824-1913)

Pai - Manuel Silveira Jorge
(1785-1843)

Avô - Domingos Homem Jorge
(1728-1807)

Bisavô - Mateus Jorge da Silveira
(1884-1750)

Trisavô - Mateus Jorge
(falecido antes de 1714)

Sabemos a partir do registo de casamento do bisavô de José Silveira Jorge, o sargento Mateus Jorge da Silveira, realizado em 21 de Outubro de 1714, que o mesmo era filho de Mateus Jorge e de Isabel

João, ambos já falecidos. Mateus Jorge da Silveira casava então com Maria das Candeias, filha de Domingos Homem Ramalho e Águeda da Silveira. O casal, residente na Ponta Negra, outro lugar da freguesia, teria quatro filhos, todos varões, dos quais identificamos dois como chefes de família. Falecendo em 21 de Março de 1750, aos 66 anos, segundo informação do pároco, o sargento Mateus Jorge da Silveira teria por sua alma 130 missas e mais 20 de *tenção*, tendo sido acompanhado à sepultura por 6 religiosos do Convento de S. Francisco da vizinha vila das Lajes, inequívoco sinal de prestígio e fazenda. A sua viúva, falecida em 23 de Dezembro de 1764, teve por sua alma 250 missas e foi acompanhada pelo mesmo número de religiosos.

O avô, Domingos Homem Jorge, o filho mais novo do casal anterior, nascido em 15 de Abril de 1728, casou aos 53 anos, em 28 de Outubro de 1781, com Bárbara da Conceição, de 23 anos. Residiam também na Ponta Negra onde lhe nasceriam sete filhos. À sua morte, em 22 de Dezembro de 1807, Domingos Homem Jorge teve por sua alma 100 missas e mais 20 de *tenção*, sendo identificado como proprietário. A idade tardia ao casamento pode significar uma emigração ao Brasil, com retorno, embora, não dispondo para o período de registo de passaportes, não o possamos confirmar.

O pai, o sargento Manuel Silveira Jorge, o segundo filho do casal anterior, primeiro filho varão, casou aos 37 anos, em 19 de Janeiro de 1823, com Isabel Josefa, de 32. Teriam apenas um filho. Ao óbito, em 27 de Dezembro de 1843, Manuel Silveira Jorge é identificado como proprietário. Terá sido também emigrante?

O casamento aos 19 anos de José Silveira Jorge, um mês após a morte do pai, com Maria Luísa, filha do capitão José Joaquim Ma-

druga, natural das Lajes, e de Rosalina Tomásia, do lugar de Santa Cruz, pode eventualmente ter favorecido a concentração de bens.

Assim, verificamos que o maior proprietário da freguesia das Ribeiras no último quartel do século XIX era bisneto de um outro grande proprietários que viveu no primeiro quartel do século XVIII. Casamentos tardios, e, eventualmente, proventos decorrentes de emigração bem sucedida e estratégias matrimoniais adequadas conservaram ou avolumaram num período bissecular um património destinado a uma repartição penalizadora nos inícios do século XX.

Escolhemos como segundo exemplo o de António Soares Machado, o *Esgalgado*, de alcunha, um marítimo, residente no lugar de Santa Cruz, que tinha em 1885 como rendimento colectável \$908 réis, com seis artigos na matriz predial em seu nome. Sigamos a sua ascendência por linha masculina:

Ego – António Soares Machado
(1832-1893)

Pai – António Soares de Sousa
(1792-1867)

Avô – António Vieira Soares
(1737-1823)

Bisavô – António Vieira Soares

Conhecemos apenas três gerações que precederam a de António Soares Machado. O seu bisavô, António Vieira Soares, casado com Joana Josefa da Silveira, residia na Ponta Negra onde lhe nasceram quatro filhos a partir de 1736. Morrendo um deles ao nascer, apenas acompanhamos o percurso nas Ribeiras do filho homónimo.

O avô, António Vieira Soares, filho, nasceu em 13 de Novembro de 1737 e casou aos 41 anos com Joana Josefa, cuja idade desconhecemos. Viriam a registar cinco filhos, dois com acesso ao casamento nas Ribeiras, uma filha falecida solteira com 75 anos e outros dois filhos que saíram da paróquia. Joana Josefa, ao falecer em 20 de Outubro de 1801, seria *muito po-*

bre, conforme informação do pároco. O seu viúvo sobreviveu até 12 de Setembro de 1823.

O pai, António Soares de Sousa, marítimo, residente em Santa Cruz, era o terceiro filho em ordem de nascimento do casal anterior. Nasceu em 12 de Agosto de 1792 e casara aos 19 anos com Maria Vitorina, de 23. Registaram sete filhos, todos com acesso ao casamento nas Ribeiras, à excepção de uma menina que faleceu com quatro anos. António Soares de Sousa faleceu com 74 anos, já viúvo. Sua mulher falecera 21 anos antes e teve por sua alma meio ofício, o que significa parcos haveres.

António Soares Machado era o filho mais novo do casal anterior. Nascido em 12 de Abril de 1832, casara em 24 de Maio de 1869, com 37 anos, com Maria Vitorina da Conceição, de 19 anos. Apesar da juventude da mulher, apenas registaram três filhos, com intervalos intergenésicos demasiado alargados, o que pode significar que António Soares Machado passaria largos meses nas fainas de pesca em outras ilhas, como era habitual entre os marítimos de Santa Cruz, ou poderia ter sido emigrante sem sucesso evidente. À sua morte, em 10 de Março de 1893, as despesas correram por conta da *Sociedade Marítima do Porto de Santa Cruz* a que pertencia – acompanhamento à sepultura pelo Colégio, meio ofício, hábito, caixão, cova, bilhete e avisador, num total de 2\$290 réis e missas no valor de 17\$600 réis (44 missas a \$400 réis).

Este será um caso em que o sustento da família de geração em geração vinha do mar, possuindo-se eventualmente uma casa para viver, uma ou outra horta para o cultivo das hortaliças e das batatas e uma ou outra terra para inhames e lenhas, eventualmente um ou outro pé de laranjeira ou nespreira. O importante apoio na morte vinha da solidariedade instituída por vontade dos próprios marítimos. •



NOME: *Luís António Domingues Polanah*

IDADE: 79 anos

NATURALIDADE: Ilha de Chinde, Zambésia, Moçambique

RESIDÊNCIA: Braga

ACTIVIDADE PROFISSIONAL: Professor Jubilado da Universidade do Minho

O antropólogo que sonhava ser pintor...

Apesar de já não exercer a actividade docente, o investigador Luís Polanah continua a alimentar a “**paixão**” pela antropologia e o fascínio pelo conhecimento e interpretação dos comportamentos e das crenças que preenchem o imaginário colectivo das mais diversas comunidades.

Nasceu em Moçambique, na ilha de Chinde. Filho de “**mãe mulata**” e “**pai natural das Ilhas Maurícias**”, Luís Polanah teve uma “**educação europeia com transplante africano**”. Aos 18 anos completou o Liceu em Lourenço Marques e conseguiu colocação “**nos correios**”, actividade que exerceu durante 10 anos, tendo transitado para a Câmara Municipal daquela cidade. “**Era difícil o acesso aos estudos superiores para os mestiços e não existiam grandes saídas profissionais**”, recorda o investigador que, na ânsia de continuar a vida académica, por diversas vezes, tentou a obtenção de uma bolsa para cursar Belas-Artes, em Lisboa. “**Sonhava ser pintor**”, confessa com um sorriso, explicando que escrevia para alguns periódicos e participava em “**tertúlias de pintura, com outros artistas amadores, movidos pelo entusiasmo dos trabalhos publicados nas revistas que chegavam dos Estados Unidos da América e da Inglaterra**”.

Embora a dedicação à arte fosse uma espécie de passatempo, a necessidade de aperfeiçoar o domínio das técnicas de expressão levou Luís Polanah a tirar um curso de desenho e pintura por correspondência. A qualidade artística do seu trabalho não passou

despercebida ao Secretário Geral do Governo de Moçambique, quando apreciava a sua pintura numa exposição. Luís Polanah não esquece o dia em que esse responsável lhe perguntou se gostaria de continuar a estudar, pois, estava disponível a bolsa de estudos que tinha custeado a formação de Sequeira e Costa, um grande pianista, cuja mãe estava radicada em Moçambique.

Corria o ano de 1959. Luís Polanah chega a Lisboa para frequentar o Curso de Belas-Artes, mas ao quarto ano, a “**paixão**” pela antropologia foi mais forte que a vocação artística. “**Foi uma cambalhota bastante grande... Descobri que tinha muita coisa a compreender da minha terra e de África**”, indica o investigador que estabeleceu uma ligação afectiva com as ciências sociais, após vários anos de dedicação a uma trajectória orientada para a arte. “**As teorias e conceitos ministrados na universidade ajudavam a arrumar as leituras empíricas que fazia como mestiço sobre as discriminações em África, as relações entre o branco e o negro, as diferenças de tratamento**”, anota Luís Polanah, ao reflectir sobre a importância dos conceitos da antropologia e da sociologia para a compreensão das vivências das comunidades que conhecia de perto. Deste diálogo entre a experiência e a interpretação científica dos comportamentos surgiu o trabalho final da Licenciatura em Antropologia, intitulado “*O Nhamussoro e as outras funções mágico-religiosas*”, onde o autor procura descrever as crenças indígenas sobre a doen-

ça e os seus mortos, assim como os diversos agentes especializados no exercício do curandeirismo mágico-religioso.

Embora pretendesse regressar às origens, pouco depois de terminar a licenciatura, Luís Polanah foi destacado para a Junta Provincial de Povoamento, em Angola, onde chefiou uma brigada de promoção social, numa aldeia nativa de Malange. Depois do 25 de Abril de 1974, ainda em Angola, dedicou-se ao ensino universitário, mas pretendia fixar residência em Moçambique.

Porém, as vicissitudes do destino trouxeram Luís Polanah para Portugal, numa altura em que a Universidade do Minho estava a dar os primeiros passos. Tinha 55 anos quando ingressou no estabelecimento de ensino. Aqui, desenvolveu a carreira académica com trabalhos na área da antropologia. Estudou o Parque da Peneda-Gerês, Castro Laboreiro e Soajo, “**foi a readaptação a povos diferentes, a povos ditos civilizados e não primitivos**”. Em Espanha, na Universidade Complutense de Madrid concluiu o Doutoramento, aos 56 anos, com um trabalho sobre uma aldeia da região de Zamora.

Afastado das docência escolar, Luís Polanah continua a partilhar com os estudantes conversas que são lições, de onde transborda uma inesgotável fonte de sabedoria. Membro da direcção do NEPS, o investigador continua a ser fiel às raízes deixadas no continente africano, “**um território imenso do qual podem emergir novos horizontes para todas as ciências sociais**”.

A identidade tribal

Desde sempre o ponto de vista político dos interesses ocidentais (Leste/Oeste) foi de oposição à persistência do tribalismo africano por funcionar como um obstáculo ao desenvolvimento e progresso da África moderna. Persuadidos os intelectuais e dirigentes da África Negra de que para além do seu passado colonial as populações devem o seu atraso económico e cultural aos inconvenientes da sua organização tribal, procuram irreflectidamente corresponder às recomendações das organizações internacionais e países cooperantes, negando ou ignorando a sua realidade nacional para assumirem medidas e reformas em tudo contrárias à idiossincrasia das populações indígenas.

Para quase todos esses chefes e políticos africanos a saída da crise terá de passar forçosamente pela mudança dos hábitos de vida das suas populações, começando por combater ou ignorar os laços de natureza psicológica e ideológica entre o indivíduo e o povo da sua aldeia nativa. Uma ligação, designada depreciativamente por “tribalismo”, cuja natureza não é

a dum simples elo familiar, mas dum valor intrinsecamente marcado por vínculos históricos e morais com um grande sentido ético nos destinos pessoais e colectivos dos africanos.

Apesar de perseguida por uma conotação negativa, a expressão “tribalismo” é, mutatis mutandi, o equivalente do ‘patriotismo’ ou ‘nacionalismo’ entre os europeus. Representa a dependência do indivíduo em relação a valores míticos e morais concentrados na família de origem e, através dela, em todo o grupo tribal. O seu compromisso apoiasse em lealdades e crenças, estrutural e historicamente comprometidas com a totalidade do grupo étnico ou tribal, de onde é oriunda a família do indivíduo.

Enquanto o mundo ocidental cresceu e se impôs à sombra de valores nacionais construídos com lendas, guerras, alianças, nomes de heróis e deuses, insígnias e cânticos guerreiros, explorando os momentos mais obscuros e improváveis da sua história, aos africanos esse direito natural tem sido contrariado em nome do progresso, dos direitos humanos e da democratização dos seus sistemas políticos. A invocação duma “nacionalidade” permite a qualquer indivíduo reconhecer a natureza dos elos que tem ou não tem com os outros, quando se encontra dentro ou fora do seu território natal. Qualquer cidadão precisa de coordenadas históricas, linguísticas, territoriais, políticas e religiosas para delimitar o espaço moral em que se move na sua relação com terceiros, quem quer que estes sejam.

Banidos alguns aspectos de-



sumanos do período escravagista, a estabilidade da vida nas aldeias continuou, mesmo assim, a ser perturbada com as exigências do processo colonizador. Em nome duma missão humanitária e civilizatória, as populações viram as suas terras ocupadas, as riquezas naturais, exploradas, mais exigente o trabalho compulsivo dos homens, as mulheres sempre vulneráveis para a satisfação sexual dos colonos, a liberdade de movimentos das pessoas mais vigiada e aqueles aspectos sagrados e misteriosos dos seus usos e costumes gradualmente reprimidos pelas autoridades administrativas que as missões religiosas espalhadas no território, pressionavam.

A ausência duma escrita africana foi suprida por critérios classificatórios nominais a partir da estrutura familiar, umas vezes por via materna, outras por via paterna, ou pelas duas, consoante a determinação dos seus chefes-filósofos. O registo biológico permite, assim, filiar o indivíduo numa família, ditar-lhe os papéis em relação a cada um dos seus membros, quer pelo



A identidade tribal

lado paterno, quer pelo materno ou em relação a ambos, até abranger a totalidade dos grupos que compartilham a formação da unidade familiar de que o indivíduo se considera descendente. O vínculo tribal outorga ao indivíduo, por esta forma, a sua realidade pessoal, materializa a sua identidade ontológica na qualidade dum Macua ou Maconde, dum Cuanhama ou Congo, dum Bijagó ou Balanta, etc., etc. Esta é a forma como povos iletrados sabem assegurar a identidade civil do indivíduo a partir do sistema de registo biológico na família de origem.

Antes da conquista colonial, a maior parte dos grupos etnicamente diferenciados pela língua, costumes e sistemas de descendência, etc. estava formada por unidades politicamente segmentadas, mais ou menos independentes, ou enfeudados a grupos mais poderosos com características de reino ou império, configurações políticas que, raramente, procuraram banir os particularismos etno-tribais das populações submetidas. O mapa africano traçado pelo imperialismo colonial desenhou fronteiras artificiais, à revelia do consenti-

mento dos povos em presença. Ratificado pela OUA, os novos estados viram garantido o seu reconhecimento no seio das nações ocidentais, onde é marcante a presença das antigas potências coloniais.

São, portanto, estados multi-étnicos e multilingues, quase todos absorvidos pelos diversos ramos do cristianismo ou do islamismo, que não podem ver as suas diferenças étnicas, históricas e religiosas ignoradas em nome dum desenvolvimento concebido por países de civilização mais avançada. A experiência portuguesa, (se ela existe), devia, pelo menos em relação às suas antigas colónias africanas, demonstrar uma mais ampla compreensão pela variedade dos seus povos, defendendo um processo de democratização e em moldes não estritamente euro-americanos, mas que contemplassem as singularidades etno-regionais. O “tribalismo”, não como obstáculo ao progresso, mas como uma realidade respeitável contra a qual não é aconselhável uma atitude radicalmente negativa, deve pesar na preocupação de todos os responsáveis que procuram uma reestruturação política e administrativa do território nacional, e., conseqüentemente, o estabelecimento duma democracia pluripartidária. Como será possível conciliar a filiação e militância partidárias com as lealdades do cidadão à sua aldeia natal baseado nos laços de parentesco e nas afinidades étnicas? O espírito dos antepassados alimenta crenças que o servilismo dos dirigentes políticos e outros perante os interesses do mundo capitalista não vai conseguir banir tão cedo!



O seu grupo, ou o seu desaproveitamento na reestruturação do sentimento nacional em países multi-étnicos, pode não ser a via mais correcta para relançar o processo de desenvolvimento e criar um estado democrático em países africanos, especialmente nos PALOPs continentais. Combater o tribalismo em nome do desenvolvimento é destruir o ultimo reduto das identidades locais e regionais que qualquer indivíduo precisa de ter para saber como orientar os seus sonhos e a sua vontade de assumir papeis sociais e fazer-se alguém no mosaico social e cultural do seu país.

Um português dentro do seu país distingue-se dos outros portugueses pela sua procedência regional, pela província ou aldeia onde nasceu, e até por certos hábitos alimentares, pelo falar, festividades populares e religiosas que conhece e aprecia. A sua progressão social não impede uma forte ligação com a terra de origem como marco de referência fundamental de que colhe o maior orgulho. Basta recordar o comportamento dos emigrantes em relação à sua al-



A identidade tribal

deia natal. Se este apego é ainda visível num povo civilizado, como deveria ser diferente entre populações cujo estado social é ainda baseado na organização clânica ou tribal?

Por isso, quando alguém invoca a sua identidade pessoal, essa pessoa começa por querer dizer a uma terceira pessoa que, apesar de serem semelhantes como seres humanos, possuem orientações culturais e morais, social e historicamente diferentes. Por essa razão, os seus ideais e, através deles, a forma de reafirmar a sua identidade não se confundem com nenhuma outra. Nas sociedades africanas o elo tribal (através do clã e da família) surge como condição essencial para um africano se conhecer a si próprio e conhecer todos aqueles que são ou estão excluídos do seu grupo.,

Ora essas fronteiras morais e psicológicas, politicamente geridas, são importantes para marcar a originalidade e essência dos povos, etnias e raças, seja como vastos agrupamentos nacionais, seja como minorias nacionais, integradas ou marginalizadas. O vínculo tribal repre-

senta, na essência, um sentimento profundamente necessário para a definição da identidade do africano e equilíbrio da sua personalidade. Invocar a qualidade de cidadão angolano ou moçambicano é importante perante o estrangeiro, mas não serve para iludir as profundas diferenças regionais dos povos que formam a população dum país africano.

Não possuindo outros recursos conceptuais senão estes, próprios de culturas sem escrita e unidos pela tradição oral, a filiação ao grupo de aldeia, e deste ao grupo clânico até abraçar as raízes da nação tribal, é a forma pela qual um africano consegue adquirir uma identidade como pessoa, como membro dum grupo e não de outro qualquer, e nesta conformidade, pode mais facilmente assumir os papéis como membro duma comunidade nacional feita de várias sociedades tribais com economias, costumes, sistemas políticos, crenças e valores muito distintos.

A psicologia dum hindu não se compagina com a dum alemão, como um britânico não se confunde com um italiano. Apesar das semelhanças, um japonês é muito diferente dum chinês, e um natural do Mali, em África, dum natural da Guiné-Bissau; assim como um português, apesar da sua conhecida abertura à convivência com outros povos e culturas, não se confundiu nunca com eles, nem quer confundir-se. Esse fundo moral que está na base da consciência dos indivíduos e dos povos, de que as sociedades avançadas nunca prescindiram, é precisamente exigido pelas potências ocidentais, em nome da



civilização e do rápido progresso, que os novos chefes africanos destruam para rapidamente se poderem igualar aos países mais avançados do mundo moderno.

Pressionam para que a reorganização política dos novos países africanos se pautem pelo modelo euro-americano, adoptando a panaceia da democracia pluripartidária. Ora a mais difícil barreira para o progresso da democracia em África é desviar as lealdades tribais para as lealdades partidárias. Na medida em que os líderes e chefes africanos procuram destruir esse liame natural do indivíduo com o seu grupo para fazer triunfar o espírito da democracia ocidental, mais cavam o seu distanciamento em relação às suas raízes ancestrais e se subjugam à vontade do capital internacional e interesses geoestratégicos das potências que mandam neste mundo em transformação. São cada vez menos africanos, perdem a capacidade de salvaguardar a personalidade do homem negro em sua complexidade moral e etnocultural. •



Novo livro de Maria Luiza Marcílio **Crescimento Demográfico e Evolução Agrária Paulista**

Acaba de ser lançado no Brasil o livro de Maria Luiza Marcílio *Crescimento Demográfico e Evolução Agrária Paulista*, editado no Brasil pela Editora HUCITEC. Trata-se do texto da tese de Livre-Docência apresentada em 1974 à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas de São Paulo. Esta obra foi distinguida em 1992 com o prêmio da Comissão nacional da Espanha para a Celebração do Quinto Centenário da Descoberta da América.

A Professora Maria Luiza Marcílio é responsável pela introdução no Brasil das pesquisas e do ensino da Demografia Histórica. Com longa vivência em Paris, com a chamada Escola dos Annales, foi orientada no doutoramento pelos Professores Fernand Braudel e Louis Henry.

Na Universidade de São Paulo, criou o CEDHAL (Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina), de que foi directora entre 1984 e 1994, introduzindo a pesquisa interdisciplinar com o projecto "História da Família e da Criança", inaugurando nova fase na História Social do Brasil. Formou gerações de pesquisadores, muitos dos quais ocupam papel relevante em universidades brasileiras.

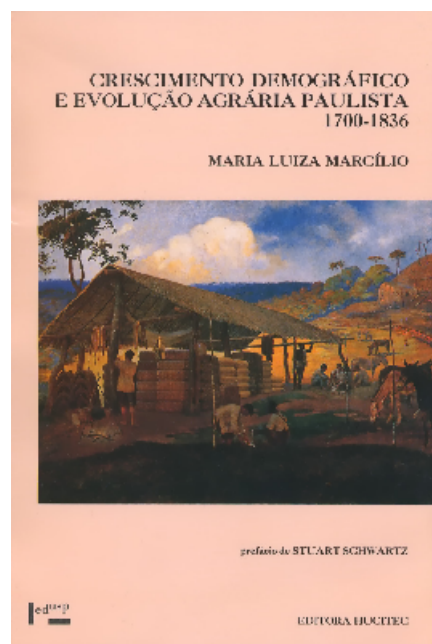
Intellectual orgânica, sempre comprometida na luta em favor dos destituídos, particularmente da criança, e na luta pela promoção dos Direitos Humanos, é desde 1997 presidente da Comissão de Direitos Humanos da Universidade de São Paulo.

Coordena actualmente o projecto "A História Social da Instrução Pública Primária na Cidade de São Paulo", no Instituto Fernand Braudel.

Colaboradora assídua do

NEPS, é a autora o texto "A Roda dos expostos e a criança abandonada na História do Brasil. 1726-1950", recentemente publicado no nosso Boletim.

O trabalho agora editado é uma obra fundamental para a compreensão da história rural do Brasil, como afirma Stuart Schwartz, professor da Universidade de Yale, no texto do prefácio que a seguir se reproduz.



Este livro tem sido um clássico secreto desde que foi apresentada como tese de livre-docência na Universidade de São Paulo, em 1974. Vem sendo conhecido, admirado e emulado por especialistas, mas infelizmente permanecia não publicado e desconhecido para o público maior. A autora, Maria Luiza Marcílio, já havia conquistado grande reputação como líder da Demografia Histórica de sua geração, e como uma das primeiras a introduzir os métodos de Louis Henry e de outros demógrafos historiadores franceses no Brasil.

Historiadores sociais frequente-

mente reclamavam de que a aplicação de técnicas francesas de Demografia Histórica não poderiam integrar-se a um contexto amplo que examinasse os resultados demográficos em sua relação com suas implicações sociais. Com este livro Maria Luiza Marcílio demonstrou como é possível realizar isso. Nesse sentido, esta obra é um estudo pioneiro e merece ser incluída na estante de todo estudioso de História Social e de História Demográfica no Brasil.

O livro está baseado em sólida pesquisa fundada em fontes primárias. Nenhuma surpresa, Maria Luiza Marcílio foi directamente ao extraordinário corpus de censos que existe para toda a capitania de São Paulo, as chamadas "listas nominativas de habitantes", como material básico para seu estudo. Estas notáveis e detalhadas listas de população do Sul do Brasil, as quais ela habilmente discute neste livro, fornecem a base para uma análise demográfica geral que demonstra o crescimento da população entre 1765 e 1836 e a inclusão crescente de escravos e de populações negras livres, como parte da população regional. Sua análise dá atenção particular para a estrutura ocupacional da população e suas mudanças através do tempo. É aqui que sua atenção se volta para os "lavradores" que ela chama de "verdadeiro campesinato da época".

É na identificação desse campesinato e na discussão da ocupação da terra que este livro marca sua grande contribuição. Aqui, Maria Luiza seguiu a grande tradição de Lucila Hermann, Alice Canabrava e Maria Sylvia de Carvalho Franco, historiadoras que a antecederam e que estudaram o "caipira paulista" e a população rural, mas, ao mesmo tem-

Castelo Branco, 18, 19 e 20 de Abril de 2001

VI Congresso da Associação de Demografia Histórica (ADEH)

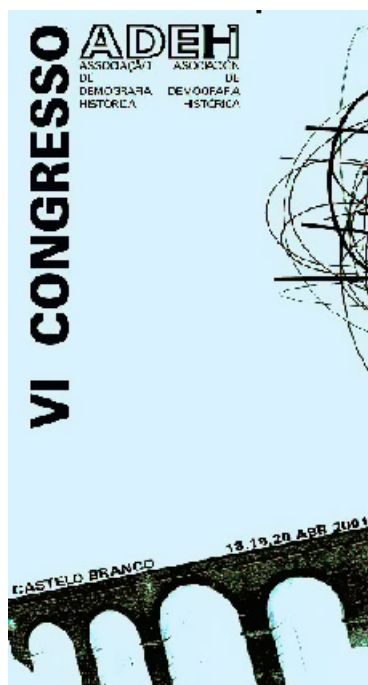
PROGRAMA PROVISÓRIO

Entre 18 e 20 de Abril de 2001 terá lugar em Castelo Branco (Portugal), o VI Congresso da Associação de Demografia Histórica.

Neste novo marco para a difusão dos resultados da investigação e debate científico haverá 2 sessões plenárias, 20 sessões paralelas, uma sessão painel e uma conferência, que acolherão diversos conteúdos e temas, todos eles relacionados com a população e o seu papel na história e na sociedade. Cada uma destas sessões terá o seu próprio horário e nelas caberá tanto a apresentação dos trabalhos como o debate à volta dos mesmos. Ainda durante o Congresso, terá lugar a Assembleia Geral de Sócios da ADEH.

O Congresso está aberto a todos e não é necessário ser sócio da ADEH para participar nele. No entanto, os sócios desfrutarão de certas vantagens no que respeita ao valor da cota de inscrição no Congresso.

Para participar no Congresso



é imprescindível preencher os formulários de inscrição que se incluem neste programa e enviá-los, juntamente com os comprovativos de pagamento, para a sede local da organização do Congresso. Do mesmo modo, os interessados no mesmo, encontrarão junto deste programa informação sobre a oferta de alojamento e, também, de desloca-

ção para participar no Congresso.

A ADEH colocou à disposição dos jovens estudantes e investigadores de pós-graduação uma comparticipação que lhes facilita o pagamento da quota de inscrição no Congresso, cobrindo metade do custo da mesma. Do mesmo modo, a Organização Local do Congresso realizou uma procura intensa de alojamentos acessíveis para estes grupos de estudantes, esperando com isso que o Congresso se converta, também, num ponto de encontro para jovens investigadores. As fichas de inscrição e alojamento (que se publicam neste Boletim) deverão ser enviadas para a sede local do Congresso em Castelo Branco.

COMITÉ DE ORGANIZAÇÃO CIENTÍFICA

- David Reher, Maria Luís Rocha Pinto, Fernando Mikelarena Peña, Maria Norberta Amorim, Manuel Ardit Lucas, Llorenç Ferrer Alòs, Mercedes Lázaro Ruiz, José Manuel Pérez García, Alberto Sanz Gimeno e Maria João Guardado Moreira.

NOTÍCIAS

Crescimento Demográfico e Evolução Agrária Paulista

po, o trabalho de Maria Luiza foi em grande parte uma prévia de seus contemporâneos e de seus sucessores: *Ciro Cardoso, Emilio Willems, Iraci del Nero da Costa, Peter Eisenbeig, Elizabeth Kuznesoff* e mais recentemente *Guillermo Palacios*, sobre Pernambuco e *Bert Barickman*, sobre a Bahia. Isso tudo refere-se ao "homem esquecido", à "arraia-miúda" e à vasta população rural normalmente não conectada directamente com a economia de exportação, tornando-se tema principal de estudos recentes da sociedade e da economia brasilei-

ra. O estudo de Maria Luiza é um precursor e demonstra como uma sólida análise demográfica pode ser utilizada para levantar interessantes questões sobre a natureza rural e a economia. Para ela, a capitania de São Paulo no século XVIII não é "decadente", mas encontra-se em plena e contínua expansão, conduzida pelo crescimento de sua população. A obra é repleta de criatividade e de observações provocativas que se alinham nas teorias de Ester Boserup, para explicar a função do "bairro rural" em São Paulo. Nela se encontram sugestivas dis-

cussões sobre a monetarização da economia paulista, sobre os efeitos ecológicos do povoamento, sobre a natureza itinerante da agricultura e sobre as mudanças na composição da população. Algumas dessas incursões temáticas mereceram, mais tarde, detalhadas monografias da autora, mas *Crescimento Demográfico e Evolução Agrária Paulista* abriu o caminho que outros seguiram.

Esta publicação entra agora para o rol dos modernos estudos fundamentais para nossa compreensão sobre a História Rural do Brasil. •

Programa do VI Congresso da ADEH

HORÁRIO PROVISÓRIO

8:00 – Recepção e entrega de documentação
 9:00 a 9:30 – Abertura oficial do Congresso
 9:30 a 13:00 – Primeira Sessão Plenária
 13:00 a 15:00 – Almoço na Escola Superior de Educação
 15:00 a 16:50 – Primeiro turno de Sessões Paralelas
 16:50 a 17:10 – Pausa
 17:10 a 19:00 – Segundo turno de Sessões Paralelas
 20:30 a 22:00 – Jantar
 22:00 – Concerto

Dia 19 – Quinta-Feira:

9:00 a 10:50 – Primeiro turno de Sessões Paralelas
 10:50 a 11:10 – Pausa
 11:10 a 13:00 – Segundo turno de Sessões Paralelas
 13:00 a 14:30 – Almoço na Escola Superior de Educação
 14:30 – Excursão e jantar

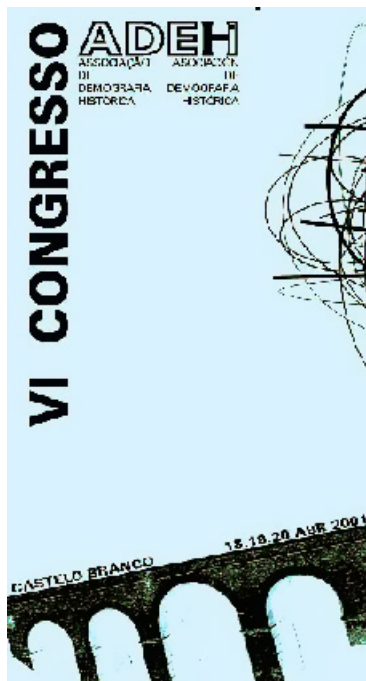
Dia 20 – Sexta-Feira:

9:00 a 10:50 – Segunda Sessão Plenária
 10:50 a 11:10 – Pausa
 11:10 a 13:00 – Continuação da segunda Sessão Plenária
 13:00 a 14:45 – Almoço na Escola Superior de Educação
 14:00 a 14:30 – Sessão Painel
 15:00 a 16:50 – Sessões Paralelas
 16:50 a 17:10 – Pausa
 17:10 a 18:00 – Assembleia Geral da ADEH
 18:30 a 20:00 – Conferência e encerramento do Congresso

PROGRAMA DAS SESSÕES DO CONGRESSO

Quarta-Feira - 18 de Abril 9:00 a 13:00

Abertura do Congresso.
 Sessão Plenária (S1): **Populações da fronteira.**
 Organização e comentário: Maria Luis Rocha Pinto e Vicente Pérez Moreda (Universidad Complutense de Madrid).
 - **José Manuel Pérez García** (Universidad de Vigo): *Consecuencias económicas e demográficas da Guerra*



de Independencia de Portugal no Bajo Miño: demografía de frontera en una etapa belicista (1640-1670).

- **José Antonio Salas Ausens** (Universidad de Zaragoza): *Migraciones franco-españolas a través da frontera pirenaica.*

- **José Pablo Blanco Carrasco** (Universidad de Extremadura): **Las crisis de mortalidad en poblaciones fronterizas: el caso de Extremadura, 1550-1887.**

- **Juan Diego Pérez Cebada**: *Poblaciones de frontera e gestión de espacios públicos: Jerez da Frontera, siglos XIII-XVIII.*

- **Isaac César González Abellás**: *Estudio sobre el valle de Monterrey -provincia de Ourense, Galicia.*

- **Maria João Guardado Moreira** (Escola Superior de Educação de Castelo Branco): *Fronteira ou fronteiras? Retrato demográfico das regiões que se param os dois países ibéricos (1980-1996).*

- **Luís Espinha da Silveira**: *As áreas da fronteira no contexto do povoamento do território português, 1801-1849.*

- **Gilberta Rocha, José Damião Rodrigues, Artur Boavida Madeira e Albertina Monteiro** (Universidade dos Açores): *O Arquipélago dos Açores como região de fronteira. Emigração e estruturas demográficas.*

- **Henrique Rodrigues**: *Galegos e espanhóis com passaporte emitido em Viana do Castelo, 1838-1900.*

- **Teodoro Afonso da Fonte**: *Abandono e circulação de crianças entre o Minho e a Galiza. Repercussões demográficas de uma estratégia sem fronteiras.*

- **Paula Cristina Vieira Pinto**: *Migrações transfronteiriças no Nordeste de Portugal entre 1650 e 1800.*

15:00 a 16:50

Sessão Paralela (P1): **20 anos de planeamento familiar na Península Ibérica.**

Organização e comentário: **Josune Aguinaga Roustán** (Universidad Nacional de Educación a Distancia).

- **Paula Cristina Almeida Remoaldo** (Universidade do Minho): *O passado, o presente e o futuro do planeamento familiar em Portugal.*

- **José Antonio Ortega Osona** (Universidad Autónoma de Madrid) e **Hans-Peter Kohler**: *¿Esta cayendo realmente la fecundidad española?. Separación de los efectos intensidad, calendario e varianza no Índice Sintético de Fecundidad.*

- **Encarnación Aracil**: *El aborto en España desde 1976.*

- **Joao M. C. Santos Silva** (Universidade Técnica de Lisboa): *Teenage fertility in Portugal: Exposure to risk and number of children.*

Sessão Paralela (P2): **As séries temporais de os actos vitais na demografia histórica.**

Organização e comentário: **Joan Serafí Bernat i Martí** (Universidad Jaume I).

- **Dirk Godenau, Sebastián Arteaga, Sonia Marrero e Miguel Rodríguez**: *Las series temporales de los hechos vitales en Canarias. La problemática do infraregistro e su corrección durante los primeros decenios do siglo XX.*

- **Donato Gómez Díaz e Estefanía López Ruiz**: *Un modelo arima de proyección hacia atrás. La provincia de Almería, siglos XVIII e XIX.*

- **Julio Pérez Serrano e Olga Doñoro Rodríguez**: *La calidad de las fuentes para el estudio de las series vitales en la provincia de Cádiz durante el último cuarto do siglo XIX.*

- **Teresa Rodrigues**: *Detecção e análise dos períodos de sobremortalidade em Portugal (séculos XVI a XIX) – o ponto de situação.*

- **Primitivo J. Pla Alberola** (Universidad de Alicante): *Sobre el*

Programa do VI Congresso da ADEH

contenido e calidad de los registros parroquiales da diócesis de Valencia: las disposiciones de las sinodales do arzobispo Pedro de Urbina (1657).

Sessão Paralela (P3): **A população exposta ao longo da Idade Moderna.**

Organização e comentário: **María do Prado da Fuente Galán** (Universidad de Granada).

- **José Alfredo Faustino** (Universidade de Chaves): *O abandono de crianças na Roda de Chaves, dos finais de Setecentos ao último quartel de Oitocentos.*

- **Franciso José Alfaro Pérez e José Antonio Salas Ausens** (Universidad de Zaragoza): *La legitimación social de un origen expósito no siglo XVIII: adopciones, matrimonios e integración laboral de los supervivientes al Hospital de N^a S^a de Gracia de Zaragoza.*

- **Francisco Chacón** (Universidad de Murcia): Título sin determinar.

- **María do Prado da Fuente Galán** (Universidad de Granada): *Familia e adopción de expósitos no siglo XVIII: ¿Los otros hijos?*

Sessão Paralela (P4): **Epidemias ou exploração? A catástrofe demográfica do Novo Mundo.**

Organização e comentário: **Nicolás Sánchez Alborno.**

- **Elsa Malvido**: *Algunos factores da despoblación de Nueva España no siglo XVI.*

- **Massimo Livi Bacci** (Universidad de Florencia): *De vuelta a Hispaniola. Reconsideración de una catástrofe demográfica.*

- **Noble David Cook** (Universidad Internacional da Florida): *La catástrofe demográfica en los Andes, a veinte años vista.*

17:10 a 19:00

Sessão Paralela (P5): **Economia da população.**

Organización: **José Antonio Ortega Osona** (Universidad Autónoma de Madrid).

Comentarista: **Namkee Ahn.**

- **Montserrat Díaz Fernández** (Universidad de Oviedo): *El aborto en España. Un análisis económico.*

- **Maria do Mar Llorente Marrón** (Universidad de Oviedo): *Divergencias espaciales da fecundidad en España. Un análisis económico.*

- **Javier Silvestre Rodríguez** (Universidad de Zaragoza): *Las migraciones interiores en España. 1877-1930. Una aproximación macroeconómica.*

- **Alfredo Ariza Alfaro** (Universidad do País Vasco): *Fecundidad e participación femenina en España.*

- **Marco Breschi e Alessio Fornasin** (Università di Udine): *Dinamica economica e demografica in aree di produzione e aree di consumo dei cereali (Friuli secc. XVIII-XIX).*

Sessão Paralela (P6): **Mortalidade e dinâmicas demográficas na Península Ibérica nas primeiras etapas da transição (1800-1930). I**

Organización: **Diego Ramiro Fariñas e Alberto Sanz Gimeno** (Universidad Complutense de Madrid).

Comentarista: **Esteban Rodríguez Ocaña** (Universidad de Granada).

- **Joan Mas Adrover**: *Evolución da mortalidad en Baleares durante la transición demografica, 1870-1930.*

- **José Ramón Álvarez Alonso, Pilar Lebrancón Luna e Eva Fernández-Caparrós Pires** (Universidad Complutense de Madrid): *Mortalidad e calidad de vida en la España de principios do s.XX, 1900 - 1910. Diferencias habitat rural-urbano.*

- **Graham Mooney** (Wellcome Institute for the History of Medicine): *Causes of death and life expectation at birth: London 1851-1910.*

- **María Eugenia González Ugarte**

(Universidad do País Vasco): *La reducción da mortalidad no País Vasco (1860-1930).*

- **Alice Reid** (Cambridge Group for the History of Population and Social Structure): *«Defective vitality» Cause of death reporting in England.*

Sessão Paralela (P7): **O mundo urbano na Península Ibérica durante a Idade Moderna: mudanças e continuidades.**

Organización: **David Reher** (Universidad Complutense de Madrid).

Comentarista: **Alberto Marcos** (Universidad de Valladolid).

- **José Pablo Blanco Carrasco** (Universidad de Extremadura): *Migraciones e movilidad no entorno urbano. Propuestas metodológicas e resultados en las ciudades extremeñas.*

- **Isidro Dubert** (Universidad de Santiago): *Dinámicas migratorias e mundo semiurbano en Galicia, 1600-1850.*

- **Primitivo Pla Alberola** (Universidad de Alicante): *Las modificaciones de las estructuras administrativas e su incidencia no estudio da evolución da población urbana.*

- **José Antonio Salas Ausens** (Universidad de Zaragoza): *Buscando vivir en la ciudad: trayectorias de inmigrantes franceses en los siglos XVII e XVIII.*

- **María José Vilalta Escobar** (Universitat de Lleida): *Ciudades rurales en la España Moderna. El protagonismo de las continuidades.*

Sessão Paralela (P8): **Biodemografia: uma aposta para o estudo biológico das populações.**

Organização e comentário: **Eduardo Sánchez Compadre** (Universidad de León).

- **Francisco Luna** (Universidad Complutense): *Alcance da demografía no análisis da eficacia biológica en poblaciones humanas. El caso da Alpujarra.*

- **Pedro Gómez Gómez** (Universidad de Oviedo): *Trashumancia e matrimonio en la Cordillera Cantábrica. Estacionalidad, endogamia/ exogamia e consanguinidad.*

- **M. José Blanco** (Universidad de Salamanca), **Eduardo Sánchez Compadre**, **Humildad Rodríguez**, **Luis Caro** e **Belén López Martínez** (Universidad de León): *Caracterización da dinámica familiar en una comarca*



Programa do VI Congresso da ADEH

natural (La Cabrera, España).

- **Vicente Fuster** (Universidad Complutense de Madrid) e **Sonia Colantonio** (Universidad Nacional de Córdoba - Argentina -): *Factores relacionados con la variación de la consanguinidad en España*.

Quinta-Feira - 19 de Abril 9:00 a 10:50

Sessão Paralela (P9): **Bem-estar, lar e família em Espanha e Portugal, séculos XVIII-XX**.

Organização: **Enriqueta Camps** (Universitat Pompeu Fabra), **Montserrat Carbonell** (Universitat de Barcelona) e **Isabel Moll Blanes** (Universitat de les Illes Balears).
Comentarista: **Pilar Pérez Fuentes** (Universidad do País Vasco).

- **Cristina Borderias** e **Pilar López** (Universitat de Barcelona): *Presupuestos obreros en Barcelona, 1948-1956: Un ejercicio de reconstrucción e cálculo*.

- **Victoria Eugenia Bustillo Merino** (Becaria FPI Gobierno Vasco): *Trayectoria laboral e nivel de vida para diversos grupos sociales de Bilbao en la posguerra: Un análisis cualitativo a través de fuentes padronales e administrativas*.

- **Montserrat Carbonell Esteller** (Universitat de Barcelona): *El uso de las instituciones de microcrédito e la transformación de los hogares en la Barcelona de finales del siglo XVIII*.

- **Teresa Cubí** (Universitat de Barcelona): *Infancia e género en la Barcelona del siglo XIX: Una aproximación*.

- **Fernando Mendiola Gonzalo** (Universidad do País Vasco): *Empleo e estrategias familiares en Pamplona, 1840-1930*.

Sessão Paralela (P10): **Fraternidade e mobilidade social antes e depois da transição demográfica**.

Organização e comentário: **Antonio Moreno Almárcegui** (Universidad de Navarra).

- **Neus Caparrós Civera** (Universidad de Navarra): *Cómo la fratría puede condicionar un determinado nivel de estudios*.

- **Carolina Montoro** (Universidad de Navarra): *El valor social da mujer en la España del siglo XX*.

- **Dolores López**, **Neus Caparros** e **Carolina Montoro** (Universidad de Navarra): *Mortalidad infantil e*

fraternidad.

Sessão Paralela (P11): **O papel das redes migratórias nos processos de migração interna**.

Organização e comentário: **Joaquín Recaño Valverde** (Centre d'Estudis Demogràfics).

- **Rocío García Abad** (Universidad do País Vasco): *El establecimiento de las redes migratorias: Una propuesta metodológica para descubrirlas e medir su importancia en los procesos migratorios*.

- **Rui Leandro Maia** (Porto): *Migrações e redes de relações sociais em meio urbano: Um exemplo a partir do Porto*.

- **Verónica de Miguel Luken**: *Redes migratorias en España no siglo XX: El caso andaluz*.

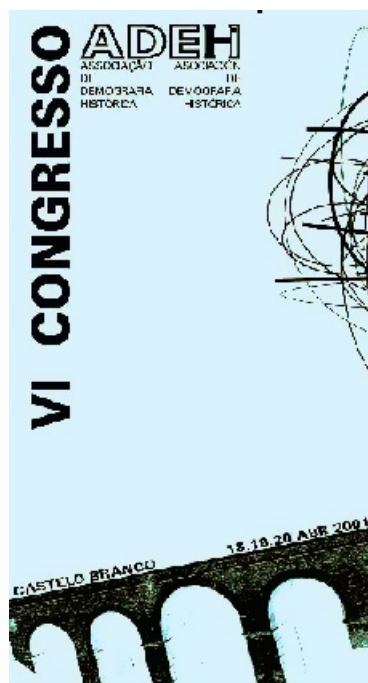
- **Rodolfo Rubio Salas**: *Migración indocumentada de mexicanos a Estados Unidos e redes migratorias: datos cuantitativos de una encuesta reciente*.

- **Julie Marfany**: *El papel da migración no desarrollo industrial de una ciudad catalana: Igualada 1847-1859*.

- **Mauro Reginato** (Università di Torino): *El papel de las redes en los procesos de migración interna*.

Sessão Paralela (P12): **Mortalidade e dinâmicas demográficas na Península Ibérica nas primeiras etapas da transição (1800-1930). II**

Organização e comentário: **Alberto**



Sanz Gimeno e **Diego Ramiro Fariñas** (Universidad Complutense de Madrid).

- **Elena Robles González** (Universidad Nacional de Educación a Distancia): *La evolución da mortalidad infantil e juvenil en Alicante entre 1840 e 1960: análisis de las causas de muerte*.

- **María Concepción Conde González** (Universidad de Cádiz): *La transición da mortalidad infantil en su contexto epidemiológico. Jérez da Frontera (Cádiz), 1870-1930*.

- **Maria Manuela Teixeira Ferreira Silva**: *Mortalidade da paróquia de Avela*.

- **David Molina Rabadán**: *Estructura da mortalidad en la localidad de San Fernando (1870-1930)*.

- **Marco Breschi** (Università di Udine) e **Lucia Pozzi** (Università di Sassari): *Un quadro concettuale per l'analisi della sopravvivenza nei primi anni di vita in epoca storica*.

11:10 a 13:00

Sessão Paralela (P13): **Da emigração à imigração. Portugal e Espanha, segunda metade do século XX**.

Organização e comentário: **Joaquín Arango Vila-Belda** (Universidad Complutense de Madrid) e **Maria Baganha**.

- **Francesca Luchetti**: *La emigración de portugueses e españoles a Europa*.

- **Leston Bandeira**: *Emigración e transición demográfica en Portugal*.

- **María-Xosé Rodríguez Galdo** (Universidad de Santiago): *La migración de retorno en España*.

- **María Baganha** e **Joaquín Arango** (Universidad Complutense de Madrid): *La inmigración en Portugal e España: una perspectiva comparada*.

Sessão Paralela (P14): **Saúde e mortalidade na vida adulta. Passado e presente**.

Organização: **Rosa Gómez Redondo** (Universidad Nacional de Educación a Distancia).

Comentarista: **Fausto Dopico Gutiérrez do Arroyo** (Universidad de Santiago).

- **Fernando Pastor García-Quismondo** (Universidad Complutense de Madrid): *La mortalidad a edades avanzadas*.

- **Raquel Pollero** e **Wanda Cabella** (Universidad da República do

Programa do VI Congresso da ADEH

Uruguay): *La transición da mortalidad en Uruguay*.

- **Maria de Graça David de Moraes** (Universidade de Évora): *A variação espacial das principais causas da morte durante o século XX no continente português*.

- **José João Maduro Maia** (CEHCP-ISCTE): *Transição epidemiológica, infra-estruturas urbanas e desenvolvimento: O caso da cidade do Porto (1890-1970)*.

- **Rosa Gómez Redondo** (Universidad Nacional de Educación a Distancia), **R. Jimenez-Aboitiz** e **J. Callejo**: *Factores socioeconómicos en la salud diferencial: Análisis de hábitos e comportamientos*.

- **Hilda Pívaro Stadniky** (Universidad Estadual de Maringá): *O custo social da colonização do Norte do Paraná: Indicadores de saúde e padrões de mortalidade (1950-1980)*.

Sessão Paralela (P15): **Modelos de nupcialidade en Espanha durante o século XX: Cultura idiosincrásica ou diferentes contextos socioeconómicos?**

Organização: **Pau Miret** (Universidad Autónoma de Barcelona) e **Carolina Montoro Gurich** (Universidad de Navarra).

Comentarista: **Carolina Montoro Gurich** (Universidad de Navarra).

- **Juan F. Gamella** e **Elisa Martín** (Universidad de Granada): *El modelo de matrimonio de los gitanos españoles e sus potenciales efectos demográficos*.

- **Julio Pérez Díaz**: *La nupcialidad de las generaciones españolas de 1906-1945*.

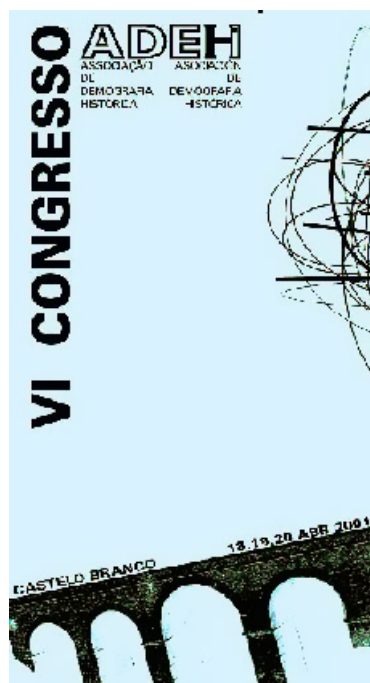
- **Francisco Viciano Fernández**: *Pautas de nupcialidad en Andalucía no siglo XX*.

- **Marta Luxán Serrano**: *La formación da pareja en la Comunidad Autónoma Vasca. Un estudio generacional*.

- **Xavier Roigé** e **Marta Rico**: *Irse de casa. Relatos de emancipación en dos generaciones*.

Sessão Paralela (P16): **As herdeiras: a transmissão do património biológico por via de sucessão feminina**.

Organização e comentário: **Ofelia Rey** (Universidad de Santiago) e **Antoinette Fauve-Chamoux** (Université de Paris).



- **Antoinette Fauve-Chamoux** (Université de Paris): *La transmission des biens par les femmes: les héritières en France dans une perspective comparative*.

- **Isabel Pérez Molina**: *Pubillas e cabaleras en la Cataluña moderna*.

- **M^a Dolors Pelegri i Aixut**: *La preservación e la transmisión da herencia mediante las viudas en una sociedad rural catalana*.

- **Serrana Rial García**: *La sucesión matrilineal en la Galicia costera*.

- **Hortensio Sobrado Correa**: *Las herederas en la Galicia interior de fines do Antigo Regimen*.

**Sexta-Feira - 20 de Abril
9:00 a 13:00**

Sessão Plenária (S2): **Reconstrução de famílias, lar e estratégias sociais**.

Organização e comentário: **Llorenç Ferrer Alós** (Universitat de Barcelona) e **José Manuel Pérez García** (Universidad de Vigo).

- **Rocio García Abad** (Universidad do País Vasco): *Una propuesta metodológica para un análisis micro de las migraciones a corta e media distancia: los seguimientos nominativos*.

- **Raquel Gil Montero** (Universidad Nacional de Tucumán, Argentina): *Pastores e mineros: los hogares da Puna de Jujuy a comienzos do siglo XIX*.

- **Francisco Messias Trindade Fer-**

reira: *Reconstituição de paróquias. Un semiautomatismo possível*.

- **Delfina Rodríguez Fernández** (Universidad de Vigo): *Un proyecto entre la reconstrucción de familias e la reconstrucción de parroquias aplicado a la elaboración de genealogías. Problemas e métodos*.

- **Margarida Varela Durães** (Universidade do Minho): *A casa: mobilidades social e económica a través da acumulação, dispersão e recuperação de um património familiar*.

- **José Damião Rodrigues** (Universidade do Minho): *A reprodução social das elites locais de São Miguel (Açores) nos séculos XVII-XVIII: consanguinidade e vinculação*.

- **Gaspar Feliu** (Universitat de Barcelona): *Família feudal i repartiment jerarquizat do patrimoni (segle XII)*.

- **Jose Antonio Salas** e **Francisco José Alfaro** (Universidad de Zaragoza): *Crecimiento demográfico e estructuras familiares no valle medio do Ebro (1750-1800)*.

- **Francisco Chacón Jiménez** e **A. Pérez Ortiz** (Universidad de Murcia): *Relaciones de dependencia e sistema social. Una aproximación a la definición do grupo: el ejemplo de los jornaleros (Lorca, 1771)*.

- **Santiago Piquero Zarauz** (Universidad do País Vasco): *Dinámicas demográficas de las élites vascas desde el siglo XIV al XVII: una aproximación a partir de sus genealogías*.

- **Norberta Amorim** e **João Antero Ferreira** (Universidade do Minho): *Reconstituição de paróquias e formação de una base de dados central*.

- **Elisa Martín** (Universidad de Granada): *Reconstrucción de genealogías gitanas en Andalucía Oriental (1780-1996): patrones de consanguinidad*.

- **David Reher**, **Alberto Sanz Gimeno** e **Fernando González Quiñones** (Universidad Complutense de Madrid): *Camino da exhaustividad. Propuesta para el análisis sociodemográfico a partir de datos locales en España*.

- **Sandra Olivero** (Academia Nacional da Historia, Argentina): *Parentesco e clientela en una parroquia rural rioplatense: el Pago da Costa no siglo XVIII*.

- **Marisol Alfonso de Armas** (Centro de Estudios Demográficos de Cuba): *Entre lo tradicional e lo moderno: La familia habanera no siglo XIX*.

Programa do VI Congresso da ADEH

- **David Robichaux** (Universidad Iberoamericana de México D. F.): *Sistema familiar e régimen demográfico en Mesoamérica*.

- **Antonio Irigoyen e Juan Hernández Franco** (Universidad de Murcia): *Genealogías sociales de los boticarios de Murcia: notas para la movilidad social en los siglos XVIII e XIX*.

- **Francisco García González** (Universidad Castilla la Mancha): *En torno al trabajo e al comercio da lana en las altas tierras do Sureste peninsular (1750-1800). Trayectorias e estrategias familiares*.

- **Carlos Alberto Damas**: *Reconstituição de famílias e estratégias de reprodução numa freguesia rural da Serra da Estrela: Teixoso (1750-1849)*.

- **Ana Sílvia Volpi Scott**: *Teias e tramas. Família e manufatura têxtil no concelho de Guimarães (na viragem para o século XX)*.

14:00 a 14:30

Sessão Painei (N1): **Francisco Chacón, Toni Perez Ortiz e Joaquín Recaño**: *Las Declaraciones Juradas de 1761 de Lorca*.

15:00 a 16:50

Sessão Paralela (P17): **Prestações sociais e assistência pública em Espanha e Portugal, séculos XVIII-XX**.

Organização: **Enriqueta Camps** (Universitat Pompeu Fabra), **Montserrat Carbonell** (Universitat de Barcelona) e **Isabel Moll Blanes** (Universitat de les Illes Balears). Comentarista: **Enriqueta Camps** (Universitat Pompeu Fabra).

- **Laurinda Abreu** (Universidade de Évora): *A especificidade do sistema de assistência pública português: Linhas estruturantes*.

- **Maria Mata Lobo de Araújo** (Universidades do Minho): *Retalhos de vidas: Assistência a mulheres pela Misericórdia de Ponte de Lima no século XVIII*.

- **Isabel Moll** (Universitat de les Illes Balears): *Dependencia e interdependencia da familia con la organización social e los servicios públicos: Algunas reflexiones metodológicas*.

- **Rute Pardal**: *A influência da estrutura socio-política das elites eborenses nas práticas assistenciais: 1580-1640*.

- **Pere Salas** (Universitat de les Illes Balears): *La política benéfico-sanitaria*

en la primera mitad do siglo XIX (Mallorca 1800-1850).

Sessão Paralela (P18): **A lógica interna dos sistemas de transmissão de bens**.

Organização e comentário: **Llorenç Ferrer Alòs** (Universitat de Barcelona), **Francisco Chacón** e **Francisco García González** (Universidad de Murcia).

- **Roxanna Boixadors** (Universidad de Buenos Aires): *Familia, herencia e identidad. Las estrategias de reproducción da élite en la Rioja colonial (fines do siglo XVII e principios do siglo XVIII)*.

- **Juan Manuel Bartolomé** (Universidad de León): *La dinámica de las estrategias hereditarias en los grupos sociales elitistas (hidalguía e burguesía) de el Bierzo Leonés (1700-1850)*.

- **David Martínez López** (Universidad de Jaén): *Lógica do sistema hereditario andaluz*.

- **María José Pérez Álvarez** (Universidad de León): *El papel da mujer en la transmisión do patrimonio familiar: el ejemplo de las comunidades da Montaña leonesa no siglo XVIII*.

- **Xavier Roigé Ventura** (Universitat de Barcelona): *Las lógicas da herencia indivisa en un contexto de propiedad comunal. Transmisión da propiedad, control demográfico e adaptación al medio no Valle de Arán*.

Sessão Paralela (P19): **A transição demográfica em Espanha e Portugal desde a perspectiva da família e do indivíduo**.

Organização: **David Reher** (Universidad Complutense de Madrid).

Comentarista: **Angels Torrents Roses** (Universitat Autònoma de Barcelona).

- **Jesús Javier Sánchez Barricarte** (Universidad de Navarra): *Comportamiento reproductivo de tres municipios navarros (siglos XVII al XX)*.

- **Francisco Ramírez Gámiz** (Universidad de Granada): *Disparidades no comportamiento demográfico de una comunidad rural andaluza en los inicios da transición demográfica*.

- **Norberta Amorim** (Universidade do Minho): *Do Antigo Regime à contemporaneidade. Micro-análise da transição demográfica numa paróquia açoriana*.

- **Fernando González Quiñones e Alberto Sanz Gimeno** (Universidad

Complutense de Madrid): *Familias, mujeres e fecundidad. Propuesta metodológica para un estudio microanalítico de los comportamientos reproductivos*.

Sessão Paralela (P20): **Higiene e Demografia**.

Organização: **Elena Robles González** (Universidad Nacional de Educación a Distancia).

Comentarista: **Enrique Perdiguerro** (Universidad Miguel Hernández).

- **Encarna Gascón, Mercedes Pascual, Enrique Perdiguerro** (Universidad Miguel Hernández), **Elena Robles** (UNED) e **Josep Bernabeu** (Universidad de Alicante): *El debate entre la higiene e la demografía: la aportación española a los Congressos internacionales de higiene e demografía e las actividades da sociedad española de higiene e da Academia de Higiene de Cataluña*.

- **Esteban Rodríguez Ocaña** (Universidad de Granada): *La higiene en la modernización de las ciudades (España, Siglo XIX)*.

- **Sagrario Anaut Bravo** (Universidad Pública de Navarra): *Espacio urbano e higiene urbana: La lucha contra la mortalidad de los médicos higienistas en Pamplona (1880-1935)*.

- **M^a José Báguena Cervellera** (Universitat de València): *La transición da teoría miasmática a la teoría contagionista: Su influencia en los problemas higiénico-sanitarios a través de las topografías médicas valencianas*.

- **Josep Lluís Barona Vilar** (Universitat de València): *Salud e expansión demográfica. Vertientes do discurso médico en Valencia (1875-1936)*.

18:30 a 20:00

- Conferência Final a cargo **José Alberto Magno de Carvalho** (Presidente da IUSSP – Universidade Federal do Minas Gerais). •

A informação referente ao Congresso encontra-se disponível na página web da ADEH:

<http://www.ucm.es/info/adeh>.





VI Congresso da Associação de Demografia Histórica – ADEH Castelo Branco, 18, 19 e 20 de Abril de 2001

Ficha de Inscrição

Apellidos: _____ Nome: _____
 Direcção: _____
 Localidade: _____ Código Postal: _____
 E-Mail: _____
 Fax: _____ Telefone: _____
 Actividade Profissional: _____
 Local de Trabalho: _____
 Área de Investigação: _____

Deseja assistir ao VI Congresso da ADEH

1. Inscrição* ☐ **sócios** : 8.500\$ até 1 de Fevereiro, 9.500\$ após esta data
☐ **não sócios** 12.000\$00 até 1 de Fevereiro, 13.000\$ após esta data
☐ **estudantes**: até 1 de Fevereiro, com comprovativo da situação de estudante de licenciatura ou pós-graduação, a ADEH comparticipa com 3.000\$ e o estudante com outros 3.000\$; depois daquela data a inscrição de estudante é de 6.000\$.

2. Almoços

A Escola Superior de Educação serve almoços, nos três dias do Congresso ao preço de 1.000\$, por refeição, cujo pagamento deve ser feito juntamente com a inscrição.

Deseja almoçar: ☐ 1 dia ☐ 2 dias ☐ 3 dias

3. O pagamento da inscrição e dos almoços deverá efectuar-se:

☐ Mediante transferência bancária para a conta da Caixa Geral de Depósitos, VI Congresso da ADEH, Balcão de S. Tiago de Castelo Branco, nº 074 600 6528930 ou NIB: 0035 0746 0000 6528 93026. A inscrição só será efectiva se for enviado, com esta ficha, o comprovativo da transferência.

☐ Mediante cheque em nome do *VI Congresso da ADEH*, a enviar com esta ficha.

4. Apresenta comunicação: ☐ sim ☐ não

5. Desejo participar no passeio (gratuito) do dia 19 de Abril à região de Idanha: ☐ sim ☐ não

6. Para o programa social traz acompanhante: ☐ sim ☐ não

Enviar a ficha de inscrição e comprovativos acima solicitados:

VI CONGRESSO DA ADEH (ao c/ de Maria João Guardado Moreira)
 ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
 RUA PROF. DOUTOR FARIA DE VASCONCELOS
 6000-266 CASTELO BRANCO – PORTUGAL (Fax: 351-272 34 34 77)

* *Dá direito a receber dois volumes de actas que recolhem as comunicações das sessões plenárias.*

VI Congresso da Associação de Demografia Histórica – ADEH Castelo Branco, 18, 19 e 20 de Abril de 2001

ALOJAMENTOS



Nome: _____

- Hotel Melia Confort Colina do Castelo (preço por quarto, com pequeno almoço)
Single: 7.370\$00 ☐ Duplo: 9.020\$00 ☐ Triplo: 12.320\$00 ☐
Data da entrada ____/____/____ Data de saída ____/____/____
- Hotel Rainha D. Amélia (preço por quarto, com pequeno almoço)
Single: 6.820\$00 ☐ Duplo: 7.920\$00 ☐ Triplo: 10.780\$00 ☐
Data da entrada ____/____/____ Data de saída ____/____/____
- Residencial Arraiana (preço por quarto, com pequeno almoço)
Single: 4.500\$00 ☐ Duplo: 7.500\$00 ☐
Data da entrada ____/____/____ Data de saída ____/____/____

· As reservas devem ser feitas até ao dia 1/2/2001, devendo-se mandar 25% no acto da inscrição e o restante até 1/3/2001.

· O pagamento deve ser efectuado por cheque, em escudos ou em euros, em nome de *Empresa Martins. Agência de Viagens e Turismo, Lda.*, indicando nos contactos *VI Congresso da ADEH*.

Para qualquer
informação
contactar:

Purificação Reis - Empresa Martins. Agência de Viagens e Turismo, Lda.
Largo do Saibreiro, 14. 6000-909 Castelo Branco.
Telephone: 00351 272341001 Fax: 00351 272346917 E-mail:
empresamartins@mail.telepac.pt

Reservado a estudantes mediante apresentação de comprovativo:

- Centro de Formação da Escola Superior Agrária (limitado à capacidade da residência)
Quarto individual, com casa de banho (não tem pequeno-almoço) : 3.000\$00 (por noite)
☐ Data da entrada ____/____/____ Data de saída ____/____/____
- Instituto da Juventude* (limitado à capacidade da residência)
Quarto duplo, com casa de banho (não tem pequeno-almoço) : 3.800\$00 (por noite)
☐ Data da entrada ____/____/____ Data de saída ____/____/____
Quarto duplo, sem casa de banho (não tem pequeno-almoço) : 3.500\$00 (por noite)
☐ Data da entrada ____/____/____ Data de saída ____/____/____
Quarto com camas multiples (beliches), sem casa de banho, (não tem pequeno-almoço) :
1.500\$00 (por noite)
☐ Data da entrada ____/____/____ Data de saída ____/____/____

*Preços que podem sofrer uma pequena alteração a partir de Janeiro de 2001.

Enviar a ficha de inscrição e comprovativos acima solicitados:

VI CONGRESSO DA ADEH (ao c/ de Maria João Guardado Moreira)
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO. RUA PROF. DOUTOR FARIA DE VASCONCELOS
6000-266 CASTELO BRANCO – PORTUGAL (Fax: 351-272 34 34 77)

■ NÚCLEO DE ESTUDOS DE POPULAÇÃO E SOCIEDADE ■ FICHA DE INSCRIÇÃO ■									
IDENTIFICAÇÃO									
Nome							Data de Nascimento / /		
Endereço									
Telefone			Fax			E-mail			
Naturalidade									
BI n.º		Data		/ /		Arquivo		N.º Contribuinte	
HABILITAÇÕES ACADÉMICAS									
Doutor		Doutorando		Mestre		Mestrando		Licenciado	
								Estudante	
CURSOS [indicar instituições e anos de conclusão]									
ACTIVIDADE PROFISSIONAL									
Profissão									
Instituição									
Endereço									
Telefone			Fax			E-mail			
INTERESSES DE INVESTIGAÇÃO									
Fontes			Análise demográfica			Reconstituição de Paróquias			
Registos paroquiais ou de estado civil			Outra documentação paroquial			Documentação fiscal			
Passaportes			Dotes			Testamentos			
Doações			Outra documentação notarial			Cruzamento de fontes diversas			
Migrações			História da família			Genealogias			
História da criança abandonada			Análise social			História da alfabetização			
Outros									
Data		Assinatura							
/ /									
Depois de preenchida, esta ficha deverá ser remetida ao Neps, juntamente com uma cópia do currículo do investigador.									

.....

NEPS ♦ FICHA DE ACTUALIZAÇÃO BIBLIOGRÁFICA ♦ NEPS									
Autor:									
Título:									
Publicado			Policopiado			Inédito			
Artigo		Livro		Dissertação			Trabalho académico		
Editor						Ano de edição			
Local de edição						N.º de páginas			
Revista						N.º/ano		Páginas /	
Se se tratar de uma comunicação apresentada em encontro científico, indique a identificação completa do evento (título/temática/secção onde o trabalho foi apresentado; entidade organizadora; local e data de realização):									
Resumo									

Para que o possa divulgar, o Núcleo de Estudos de População e Sociedade necessita de manter actualizada o seu ficheiro bibliográfico com as produções dos seus membros. Para tanto, agradecemos que esta ficha seja preenchida e remetida para o NEPS sempre que produza ou publique um novo trabalho, fazendo-a acompanhar, sempre que possível, por uma cópia do mesmo.

EDIÇÕES DO NEPS - TÍTULOS DISPONÍVEIS

AMORIM, Maria Norberta e CORREIA, Alberto, *Francisca Catarina (1846-1940). Vida e Raízes em S. João do Pico (Biografia, Genealogia e Estudo de Comunidade)*, Neps/ICS – Universidade do Minho, Guimarães, 1999.

[3 800\$00]

CARVALHO, Elza Maria Gonçalves Rodrigues de, Basto (St.ª Tecla) - Uma Leitura Geográfica (do século XVI à contemporaneidade), Neps/ICS – Universidade do Minho, Guimarães, 1999.

[3 800\$00]

FARIA, Inês Martins de, Santo André de Barcelinhos. O difícil equilíbrio de uma população – 1606-1910, Neps/ICS – Universidade do Minho, Guimarães, 1998.

[3 000\$00]

GOMES, Maria Palmira Silva, Estudo Demográfico de Cortegaça – Ovar (1583-1975), Neps/ICS – Universidade do Minho, Guimarães, 1998.

[3 000\$00]

MACIEL, Maria de Jesus, *Imagens de Mulheres*, Câmara Municipal de Lajes do Pico/ICS – Universidade do Minho, Guimarães, 1999.

[1 800\$00]

SANTOS, Carlota Maria Fernandes dos, *Santiago de Romarigães, comunidade rural do Alto Minho: Sociedade e Demografia (1640-1872)*, Câmara Municipal de Paredes de Coura – Neps/ICS – Universidade do Minho, Guimarães, 1999.

[3 000\$00]

SCOTT, Ana Sílvia Volpi, *Famílias, Formas de União e Reprodução Social no Noroeste Português (Séculos XVII e XIX)*, Neps/ICS – Universidade do Minho, Guimarães, 1999.

[3 800\$00]

Aos membros do Neps é concedido um desconto de 20% sobre o preço de capa. Os pedidos (acompanhados de cheque correspondente ao valor dos livros solicitados) devem ser encaminhados para a Secretaria do Núcleo de Estudos de População e Sociedade (Campus de Azurém da Universidade do Minho).

Boletim Informativo n.º 17 n.º Janeiro de 2001

PUBLICAÇÃO DO:
NÚCLEO DE ESTUDOS DE POPULAÇÃO E SOCIEDADE
Instituto de Ciências Sociais
Universidade do Minho
Pólo de Azurém
Guimarães

DIRECTORA:
Maria Norberta Amorim

EDITOR:
António Amaro das Neves

COORDENAÇÃO DA REDACÇÃO:
Elisabete Pinto

COLABORADORES DESTA NÚMERO:
Luís Polanah, Maria Norberta Amorim, Elisabete Pinto, António Amaro das Neves

SECRETARIADO:
Isabel Salgado, Daniel Freitas, Natália Silva, Sónia Fernandes, Sérgio Castro, Vítor Oliveira

DEPÓSITO LEGAL
n.º 125306/98

Núcleo de Estudos de População e Sociedade
Universidade do Minho, Pólo de Azurém ♦ 4800-058 Guimarães
Telefone/Fax 253510187 ♦ e-mail: neps@eng.uminho.pt

O Boletim Informativo do NEPS é uma publicação bimestral dedicada à divulgação das actividades do Núcleo de Estudos de População e Sociedade e dos trabalhos relacionados com Demografia Histórica e História das Populações. Agradece-se toda a colaboração que nos seja enviada, a qual será submetida à apreciação dos editores. Solicita-se o envio de notícias acerca de eventos, publicações e investigações nas áreas de Demografia Histórica e afins.

Os textos assinados são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.